

# Os brancos também são "curandeiros"

FERNANDO LEMOS Editor-Executivo

que é "curandeirismo"? Para a revista "Veja" e para "O Estado de São Paulo", "pajelança" é "curandeirismo", deve ser combatida, e em nenhuma hipótese pode merecer a chancela do presidente da República. Mas a coisa não é bem assim. Vamos aos fatos: quem se propõe a curar é "curandeiro", isso simplifica as coisas. "Curandeiro", enfim, é quem "cura". Sapaim e Raoni, com a fumaça do "petyn", planta da Amazônia, unguento à base do tacup'a (fruta do Xingu e da Amazônia) e um chá feito com "atorokon", raiz do Xingu, esfregado no corpo de Ruschi, conseguiram puxar muito veneno do corpo do ecólogo, através dos poros. Faz sentido?

Não interessa se veneno do sapo, ou se lixo, refugo, substâncias não assimiladas pelo organismo, que permanecem no corpo envenenando o sangue, impedindo o funcionamento harmônico dos órgãos, comprometendo o funcionamento dos rins, do fígado (que sofre mais diretamente), do pâncreas, do baço. Através de uma alimentação inadequada, do ar viciado dos escritórios, no espaço interno, e das ruas apinhadas de gente e automóveis, no espaço externo, das tensões provocadas por uma vida antinatural, estamos todos, literalmente, engolindo muitos sapos "dendrobata", e temos que colocá-los para fora.

O meio mais natural não é o "curandeirismo", nem dos índios, nem dos brancos. O mais natural seria, é óbvio, parar de engolir sapos, e através de métodos naturais tratar de expelir os que já foram engolidos (e não assimilados) provocando uma crise de depuração do organismo. E aí não se trata de "curar", con-

seqüentemente não se trata de "curandeirismo", mas de normalizar as funções do organismo, eliminando os detritos acumulados, e evitando que novos detritos se acumulem. Quanto ao "curandeirismo", ele é muito maior, menos eficiente, mais burro entre os brancos do que entre os índios — evidentemente, estamos falando de índios como Sapaim, que guardam a memória ancestral fitoterápica das grandes Nações que habitavam o Brasil, antes do massacre da colonização portuguesa.

Qual a diferença básica entre o "curandeirismo" de Sapaim e Raoni e o "curandeirismo" de médicos que "curam" através de medicamentos feitos pelas multinacionais, muitas vezes pela sintetização de raízes, plantas e ervas usadas pelos índios? Evidentemente, uma raiz em seu estado puro, preservada toda sua força energética, é muito mais eficiente e muito menos tóxica do que essa mesma raiz sintetizada em laboratórios, e aí, do ponto de vista do "curandeiro", a medicina dos índios é mais eficiente e menos tóxica do que a medicina dos brancos.

No caso de Ruschi, provavelmente a medicina dos brancos recomendaria um transplante de fígado. Como foi responsável pelo envenenamento de seu fígado, obrigando-o a tomar doses maciças de medicamentos contra impaludismo e malária, que pelo depolimento dos próprios médicos compromete o fígado de qualquer um. Que medicina é essa, que para "curar" uma determinada doença provoca outra muito mais grave?

Tudo é "curandeirismo": a medicina dos índios, mais natural, menos tóxica, embora

ritualística — como já foi também a medicina dos "brancos", quando os médicos eram mais dedicados, quando não havia ainda a "Indústria da Saúde", nem as filhas do Inamps; e a medicina dos brancos, principalmente a alopatia, que "cura" de um lado e compromete de outro.

A medicina dos índios, quando se coloca diante de um "doente" como Ruschi com a intenção de eliminar o veneno (sempre é veneno o que compromete o funcionamento harmônico do organismo, seja ou não de sapo), está mais próxima da verdadeira medicina do que a medicina dos brancos, na medida em que vai diretamente às causas.

A medicina dos brancos, quando age diretamente sobre o órgão comprometido, como se o efeito (a doença) pudesse existir sem uma causa, está se afastando cada vez mais, e perigosamente, da natureza que Ruschi sempre amou, embora nunca tenha sabido viver inteiramente de acordo com suas leis, como ser social.

Os médicos alopatas — e os órgãos de imprensa que se colocam, reacionariamente, como guardiães dos limites da chamada "normalidade" — não têm o direito de criticar o presidente José Sarney. Um país como o Brasil, de dimensões continentais, com uma flora riquíssima, não pode se entregar às multinacionais dos medicamentos, desprezando a cultura milenar dos índios, que sempre viveram na selva, e dela aprenderam muitos segredos. Criticá-los, só se for para trazê-los a um espaço ainda mais natural, nunca para a medicina intoxicante dos brancos, que só cuida dos efeitos, ignorando as causas — muitas vezes geradas por ela mesmo.



A medicina tradicional teve seu prestígio abalado, a nível nacional, no episódio que culminou com a morte de Tancredo Neves. Agora Raoni eleva nacionalmente o nome da medicina tribal.

Os pajés do Alto Xingu, Sapaim e Raoni, passaram por Brasília, neste início de semana. Eles vieram com uma missão: contar ao presidente Sarney e ao ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, como curaram o cientista Augusto Ruschi do veneno de um sapo da espécie dendrobata. Desde a chegada ao aeroporto, às 23h50min, segunda-feira, os pajés foram cercados por jornalistas e por um público de curiosos. Em Brasília, antes de visitar o Ministro do Interior, os pajés passaram por uma bateria de perguntas dos jornalistas nos labirintos da Funai e, aproveitaram o tempo restante para rever amigos da cidade.

# Medicina de branco engole sapo até morrer

# Raoni e Sapaim: doutores da medicina tribal

SEVERINO FRANCISCO Da Editoria de Cultura

Os índios dominam uma ciência milenar. — muito mais antiga do que a medicina alopatia, — uma ciência que é a raiz de todas as terapias do homem: a ciência da cura pelas ervas ou plantas medicinais. A força dessa ciência foi testemunhada por

milhões de brasileiros, via embaixada, quando os pajés do Alto Xingu, Sapaim, da tribo dos Kamaluré, e Raoni, cacique/pajé dos Txucuramãe, submeteram o cientista Augusto Ruschi a várias sessões de pajelança, com o objetivo de expulsar o veneno de um sapo da espécie dendrobata. A partir de agora será difícil para a medicina oficial ignorar a importância da medi-

cina tribal.

A profecia do vovô McLuhan, segundo a qual o mundo se transformaria em Aldeia Global, quando fosse interligado pelas ondas eletromagnéticas dos meios de comunicação de massa, vai se encarnando em fatos cotidianos. De repente, o mais sofisticado aparato tecnológico acaba projetando a cultura mais primitiva. E bem verdade que a mídia eletrônica ainda tende a transformar tudo em um programa do Chacrinha. De qualquer maneira, ninguém poderá mais dizer que não acreditava porque não viu. Antes das sessões, dizia que estava sentindo novamente o "gosto da vida". Sapaim e Raoni estão saindo de tudo com a maior dignidade, respondem às perguntas com atenção, mas fazem uma banalidade no ar, recusam-se a folclorização exigida, muitas vezes, pela instituição jornalística estabelecida como prática jornalística. Entrevistar um índio com se estivesse entrevistando um tecnocrata de ministério ou o ponta-direita, Jacozinho, do CSA de Alagoas, é, literalmente, brigar com a notícia.

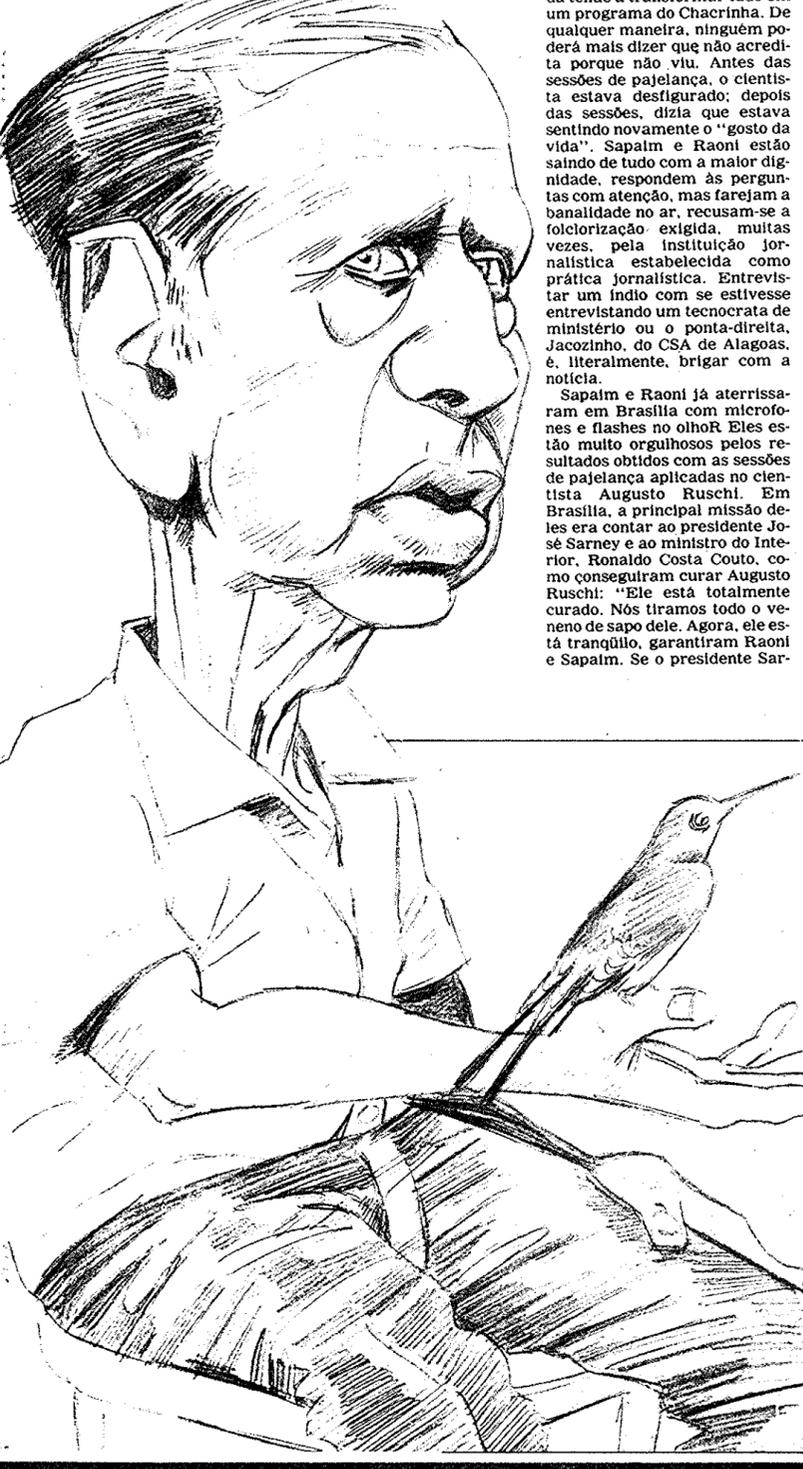
Sapaim e Raoni já aterrissaram em Brasília com microfones e flashes no olho. Eles estão muito orgulhosos pelos resultados obtidos com as sessões de pajelança aplicadas no cientista Augusto Ruschi. Em Brasília, a principal missão deles era contar ao presidente José Sarney e ao ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, como conseguiram curar Augusto Ruschi: "Ele está totalmente curado. Nós tiramos todo o veneno de sapo dele. Agora, ele está tranqüilo, garantiram Raoni e Sapaim. Se o presidente Sar-

ney não pagar o trabalho das sessões de cura do cientista, os dois pajés correm o risco de cair em doentes. E o cientista também correrá o risco de uma recaída: "Os espíritos podem ficar bravos com a gente".

O pagamento pela cura de uma pessoa a um pajé deve ser feito com um presente de valor entre os índios: uma panela de barro, colar de penas, espingarda. No caso específico do pagamento pela cura do cientista Augusto Ruschi, o cacique/pajé Raoni chegou a dizer que a terra seria o melhor presente que o presidente Sarney poderia oferecer em retribuição ao trabalho realizado pelos índios. Nos labirintos do prédio da Funai, em Brasília, Raoni e Sapaim são acudados novamente pelos jornalistas. Pergunta de uma jornalista: e se Raoni e Sapaim tivessem cuidado de Tancredo Neves será que não estaria vivo? Raoni: "A Funai chegou a pedir para que a gente viesse aqui. Quando chegamos no quarto do hospital onde estava Tancredo Neves a polícia não deixou a gente entrar. Por isto eu fico bravo com polícia. A gente poderia curá-lo. Mas polícia não deixou e ele morreu. Eu não gosto de polícia". Sentado em cima de uma mesa, cercado por jornalistas e índios, com sua postura imponente de guerreiro, Raoni fala que não vai curar branco não: "Eu curo o meu povo. Eu não curo branco. Ai quando tem problema de terra com o índio todo mundo flica do lado do branco. Só curo brancos amigos".

Raoni conta que, quando se encontraram com Ruschi, este contou a história do sapo. Saía muito sangue do seu nariz. Eles ficaram preocupados. Em seguida, acenderam cigarros de petyn (tabaco comum utilizado para provocar salvação e baba), enrolado em um canudo feito de folhas do petyn. Logo depois, aplicaram um unguento com a fruta tacup'a e massagem ao corpo de Ruschi: "Tiramos veneno branco, depois tiramos veneno preto. E depois acabou". Raoni diz que existe doença de branco e doença de índio. E diz também que índio não tem doença: "Doença de branco quase arrasou com os índios Kamaluré. Por isto estou preocupado com a terra do Xingu. Quando branco entrar na terra de índio eu faio pro Sarney: segura o seu povo aí. Senão eu tenho que matar".

Se Raoni escancara toda a impopularidade do guerreiro, Sapaim deixa fluir todo o silêncio de quem domina segredos: "Eu vejo tudo que uma pessoa é. Ninguém esconde nada de mim" — diz Sapaim sentando na cama de um hotel. Muitas pessoas continuam apreensivas com a possibilidade de que o veneno do sapo volte a agir no corpo do Augusto Ruschi: "O índio pajé sabe curar o veneno do sapo. O médico branco não sabe. O índio sabe curar o veneno do peixe, da cobra, de qualquer animal. Como eu sou o grande pajé Sapaim eu sei de tudo. O pensamento de uma pessoa eu sei. Se vejo uma pessoa triste, pensando em morrer, eu sei. Mas não digo nada enquanto ele não me pedir para curar".



Sapaim diz que ninguém lhe ensinou o ofício de pajé. Não aprendeu o que sabe pela iniciação de outro pajé, como ocorre em muitos casos. Para os índios, a cura é um ato espiritual: "Eu aprendi tudo pelo espírito do pajé que vive no mato e que a gente não vê. E, até hoje, eu vejo o espírito de uma pessoa aonde fica. Se uma pessoa está mal e os outros não vêem eu posso chamar o espírito dela para que ela melhore". Se alguém chama um pajé, este

já prepara um cigarro em casa. Porque o cigarro do pajé (petyn) dá mais força para poder curar a outra pessoa. Quando chega a casa da pessoa doente pega a fruta tacup'a, joga da mão, esfrega no corpo para puxar o que a pessoa sente: "Ai eu posso fumar ao lado dele para ver bem onde ele sente mais. Pego onde sente dor puxo e tiro. Sopro para sumir. Mando embora a doença. A pessoa não deve pagar um pajé com coisa pequena". Sapaim conta que não queria ser pajé. Quando era rapaz não gostava que o pajé da tribo fumasse perto dele. O espírito da mata estava ouvindo que ele não gostava: "Ele queria que eu fosse pajé. Disse que me ensinaria tudo. Sonhei que estava fumando. Quando acordei estava muito doente. O espírito chegou para mim e disse que eu fumasse porque seria um grande peje".

No Xingu existem muitas ervas. E muitas pessoas conhecem estas ervas: "A gente descobriu tudo pelo espírito do Mamaé". Mas, se uma pessoa quiser conhecer as ervas tem de pagar. "A gente pode ensinar aos médicos brancos. Igual pajé do índio tem pajé do branco. Mas quem quiser aprender tem de ficar muito tempo no mato. Tem de passar remédio para aprender a ver a erva sozinho. Tem de aprender a ver qual erva tem valor". Se quiser se iniciar na ciência das ervas medicinais, o branco tem de aprender tudo com o índio: "Ele tem de aprender a ver as ervas porque elas passam grande força a gente. As ervas têm vibração". Sapaim distingue dois tipos de música em uma sessão de cura: a música que recebe do espírito de Mamaé e a música que toca como pajé: "Tem uma música que posso ensinar para qualquer pessoa como tocar. Só não posso ensinar como ficar peje. Quando recebo a música pela

Antigamente os índios só tinham doenças provocadas pelos espíritos do mal. Trabalho dos pajés/felicitadores. Mas os pajés/curandeiros curam tudo isto. Depois os índios passaram a sofrer com as doenças do branco: sarampo, catapora, malária: "Até hoje o pessoal do Xingu está muito triste com branco por causa disto. Mas, nós já curamos estas doenças de branco também com erva. Índio só morre destas doenças em aldeias onde os pajés não conhecem as ervas que curam estas doenças de branco". Um diálogo entre os cientistas brancos e entre os cientistas/pajés indígenas só depende dos brancos. Só depende do respeito com que os brancos vão se aproximar dos índios. As ervas medicinais dos índios podem ser plantadas em outros lugares.

Sapaim é músico. Egberto Gismont e Hermeto Pascoal já tocaram com Sapaim. Quem ensinou Sapaim a tocar foi o espírito de Mamaé. Foi o seu pai: "Eu sou grande tocador de Jacu. Eu sinto que a música do branco não é espírito. A música do branco só tem a força da voz. A voz do branco fica por cima da música do índio. Então, a música do branco não está caminhando pelo caminho da música do índio". O pessoal do Xingu gosta da música de Roberto Carlos, da música do RPM, do Amado Batista. Sapaim tem simpatia pelo RPM: "Eu gosto também do RPM. Porque eu sinto a música deles entrar no meu corpo. Eu sinto a alegria entrando no meu corpo".

# Medicina indígena

— A cura do naturalista Augusto Ruschi pelo cacique Txucuramãe, Raoni Metutire e pelo pajé, Sapaim Kamaluré, envolveu toda a sociedade e principalmente o Governo, acreditando que a medicina indígena pode ser uma alternativa para os tropeços e incorreções do tratamento alopatia.

A cura do naturalista seria um momento para uma reflexão mais profunda? A questão foi lançada há muito tempo, embutida nos movimentos indígenas que lutam pela demarcação dos territórios indígenas com o objetivo de serem preservados os costumes, culturas e tradições. O filho de Sapaim, Ianaculá Kamaluré, com formação universitária e hoje na vice-direção do Parque Indígena do Xingu postula um espaço na Assembléia Nacional Constituinte, pelo Rio de Janeiro, como alternativa de luta para preservar e obter maiores conquistas dos povos indígenas.

Nas aldeias, afirma o assessor de Assuntos Indígenas do Ministério da Cultura, Marcos Terena, os pajés são respeitados pelos índios. No Parque do Xingu, assim como Sapaim, as comunidades ali existentes depositam grande confiança em outros pajés como Narro Kukuera e no "grande pajé", Tukumá Kamaluré. Embora a medicina e a pajelança estejam intimamente ligadas à vida de outros povos, não somente aqueles do Xingu, a Funai — órgão federal responsável pelos índios — não dispõe de um departamento que estude e valorize esse tipo de re-

curso. Índio doente é levado ao hospital.

O descaso dos brancos chegou a tal ponto que em algumas nações a figura do pajé foi extinta. Como é o caso dos Tapirapé, que vivem na Ilha do Banal (MT). Ali o contato com os brancos, a introdução de medicamentos alopatia como recurso para a cura de todos os males desestabilizou de tal forma a utilização dos métodos naturais e inerentes à cultura indígena que pajelança não está entre os rituais daquela comunidade.

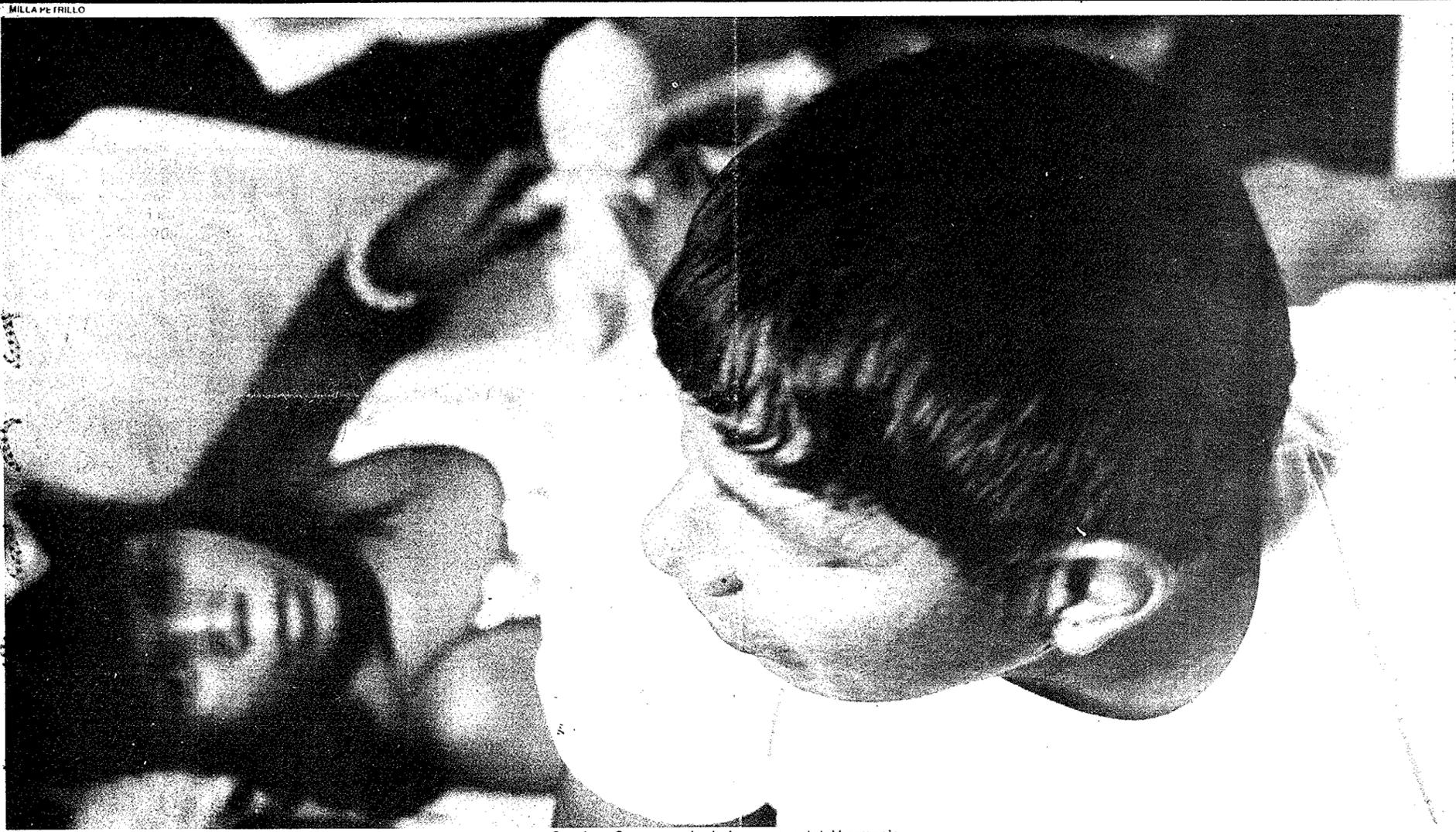
Em 1985 uma equipe de indigenistas e antropólogos, demitidos na administração de Alvaro Villas Boas este ano, realizou uma série de quatro encontros intitulados "Alternativas de Saúde Indígena", cujo objetivo central era a valorização da medicina indígena e tinha como orientação básica "Não mexer em doenças que os índios resolvem".

Os índios não resolvem somente envenenamentos do sapo dendrobata, como foi o caso do cientista. Com melhores resultados que a medicina convencional, os índios tratam de doenças de pele, intoxicação, traumatismos, cortes, entre ou-

tras. O grupo Pirahã, que vive às margens do Rio Maité, afluente do rio Marmelos, ao sul do Amazonas, tem uma avançada técnica ortopédica, e igualmente são capazes de curar secionamento de tendões. A nação Mundurucu, com territórios definidos no sul do Pará e ao sul do Amazonas consegue resultado extraordinário na cura da elefantose e no tratamento da psoríase (excesso de caspas na cabeça, nas juntas e em tecidos mais delicados como o das axilas).

Os Rikpatsa, às margens do rio Juruena, Mato Grosso, possuem um sistema de ervas tão avançado que além de desprezarem a utilização de medicamentos convencionais rejeitam também a presença de enfermeiros. Essa nação é conhecida por reunir grandes curandeiros.

Entretanto, essa capacidade dos vários povos indígenas está sendo fragilizada pela invasão desastrosa dos brancos em seus territórios. Eles não têm recursos para curar os males levados pelos intrusos tais como Mal de Hansen, sarampo, tuberculose, gripe, gonorréia, sífilis, blenorragia e tantos outros registrados no meio "civilizado". Também são impotentes para colibir a destruição da flora e de outros recursos naturais imprescindíveis à preservação da medicina indígena e dos rituais de pajelança.



Sapaím e Camuçu, sabedoria e pureza: total harmonia

# Augusto Ruschi volta a seu habitat. Recuperado

Santa Teresa (ES) — O naturalista Augusto Ruschi retornou à sua residência anexa ao Museu Meilo Leitão, nesta cidade das montanhas, a 84 quilômetros de Vitória, exatamente às 15 horas da tarde de ontem. Ele havia desembarcado no aeroporto da capital capixaba às 11h15min, acompanhado da mulher Mariliane Angeli Ruschi, do filho Piero, de um ano e meio, e do jornalista Rogério Medeiros, que descreveu o trajeto ao lado de Ruschi entre o Rio e Vitória como "uma conversa amena, como as que mantinha com ele há 20 anos". Ele falou principalmente sobre os beija-flores e as pesquisas que vai retomar.

A primeira coisa que ele quis fazer foi dar um pequeno passeio pela reserva que cerca sua residência, sem ninguém a acompanhá-lo, como se quisesse inspecionar se tudo estava no lugar, como a natureza fez e ele sempre preservou. Olhou as árvores e os pássaros que vivem soltos ali e respirou com prazer o ar puro da montanha. Quando retornou, deu sinais de que já não queria a presença da imprensa, mas concordou em levar os jornalistas até a biblioteca da casa, onde foi fotografado. Mostrou trabalhos em andamento e conversou mais um pouco, embora dando sinais de impaciência.

— Estou me sentindo muito bem, em forma, com vontade de trabalhar, de andar pela floresta, como sempre fiz ao longo de toda a minha vida. — disse Ruschi.

De fato, para quem, como o repórter, viu o cientista embarcar na semana passada para o tratamento com os pajés no Rio, e o viu retornar poucos dias depois, não restou nenhuma dúvida. Pareciam duas pessoas completamente diferentes. O naturalista que desembarcou ontem era um homem bem disposto, com a aparência de quem havia remocido 20 anos. Como ele mesmo revela a seguir, na entrevista gravada em duas

etapas, no aeroporto e em Santa Teresa.

— Por que o Sr. não procurou antes este tipo de tratamento com os índios?

— Sou um homem ocupado e que se salvou por estar num estado extremo. Estou doente mesmo, cada dia pior, desde agosto do ano passado. Nunca fui contra a alopatia. Agora sou contra as mentiras que alguns jornais pregaram, isto não se faz. Chegar ao ponto de dizer que sou contra os médicos é outra mentira. Mas eles queriam é polêmica e eu não polemo com jornalistas. Dou as notícias.

— O Sr. acredita que, com esta cura, a medicina indígena será reconhecida?

— Ela deve ser agora mais divulgada perante a população. A medicina popular tem que ser pregada, decerto.

Como o Sr. se sente agora depois de ser submetido a pajelança?

— Estou me sentindo muito bem. Antes de seguir para o Rio de Janeiro, estava cambaleando, precisava me segurar. Agora estou andando, sem tomar medicamento algum.

O tratamento agora está encerrado?

— O tratamento agora está encerrado completamente, com os índios.

Na opinião do Sr. o tratamento com os índios alcançou o sucesso esperado?

— Nunca vi no Xingu ninguém morrer mordido de cobra, pois já vi os índios tomando o chá dessas ervas. Agora, no meu caso, era hemorragia nasal e bucal, e também o fígado, tudo por causa do veneno do sapo que eu absorvi e que foi expelido. Através de ervas especiais com as quais eu me banhava, e com uma fruta que os índios têm para esse tipo de tratamento, que eles usam passando junto ao corpo ajudada pela fumaça para penetrar no organismo. Quando sai, ela traz o que eles afirmam ser o veneno do sapo.

— Era mesmo, porque era muito fedido. E uma fisioterapia muito importante. Eu não podia duvidar da capacidade dos índios. Se os procurei foi porque eu vi que na alopatia não se conseguiria mais frear essa hemorragia que eu tinha, e lá, já no dia seguinte, e até hoje não tive nada. Estou forte, estou andando, estou subindo. Estou correndo, subo escada. Eu não fazia nada disso. Isto não é ilusão, porque eu sou um cientista. Se soubesse que estava errado, eu dizia: Olha, não deu resultado. Mas deu. Sai daqui cambaleante e estou andando perfeitamente como antes. Nunca fui mordido por sapo. O sapo eu peguei na mão, pois sapo envenena os outros quando é apanhado na mão. O sapo é um bichinho inofensivo, não tem nada demais. O veneno é a defesa dele.

O Sr. vai continuar o tratamento com os índios?

— Não há necessidade de continuar o tratamento com os índios, pois ele foi concluído no Rio. O Raoni quer visitar Santa Teresa e depois eu vou retribuir a visita ao seu povo. Vou agradecer pessoalmente. Vou ao Xingu prestar uma homenagem. E posso garantir que vou continuar na minha luta, que é a luta de toda a minha vida, pela preservação e conservação da natureza. O índio é filho do meio ambiente, e, quando alguém derruba uma floresta, está destruindo a composição toda, a inter-relação planta-animal, planta-planta, planta-índio, animal-animal, animal-índio, está tudo interligado. No meio de tudo isto está o homem que a floresta produziu, que é o índio. Quando nós, homens ditos civilizados, derrubamos uma floresta, liquidamos o índio também. E a mesma coisa, você, que está numa cidade, derruba todos aqueles prédios e deixa, inclusive, você ao relento. Você vai acabar morrendo. Você não tem mais o seu habitat. Você não tem mais onde comprar comida. Os índios, também, não vivem sem a floresta, de onde

tiram sua subsistência sem devastar nem prejudicar nada.

Como o Sr. vê a situação dos índios brasileiros hoje, com o continuado desmatamento em praticamente todo o País?

— Nós é que levamos a civilização para lá. O índio não quis ir a branco nenhum. O branco é que foi ao índio e mostrou essas coisas que eles hoje gostam. Mas estão com os rios barrentos, como ocorre lá, no Xingu. Onde era um rio de águas claras que a gente bebia, hoje não se pode mais beber. Então eles estão sendo aniquilados por uma civilização que se diz adiantada, superdesenvolvida. Que superdesenvolvida que não dá o que dá outros resultados. Meu Deus do céu, por que não deixamos os outros viverem em paz? Eles são os donos da terra do Brasil, vivem lá há mais de dois mil anos, empregando esses processos medicinais. Na alopatia, veja só, qualquer remédio que você pega, abre e tira a bula, está lá a flora brasileira, mas só que é sintetizado. Eu me tratei com produtos absolutamente naturais, o que dá outros resultados.

O que o Sr. pretende fazer agora pelos índios brasileiros?

— Vou trabalhar. Vou tentar levar uma mensagem para outras regiões do País, para que a sociedade olhe os índios com mais respeito. A cultura indígena é útil para nós de várias maneiras. Geneticamente eles têm uma padronagem bem diversa da nossa. Podem oferecer elementos que nós não podemos tirar de outros humanos. Eles podem nos mostrar o que tem de real naquela fauna e flora riquíssima. Se eu tivesse sido vitimado pelo sapo dendrobata, ainda assim agradeceria à natureza. Era um exemplo de que aquele sapo foi posto por Deus no mundo, junto a 200 mil espécies botânicas, para o homem aproveitar para alguma coisa e não para destruir. Olha um cientista, um homem que ignora até um sapo. Foi para a Amazônia em 1974 por causa da sensação de ter visto um beija-

flor raro, em viagens anteriores por lá. Fui buscá-lo e não o encontrei. Não achei o beija-flor, mas achei o sapo e não o ignorei não. Peguei-o na mão várias vezes. Ao invés de pegar um sapo, peguei 30. Um alemão que estava comigo pegou só um e entrou em estado de coma. Isto quer dizer que sou muito forte. Então, para me derrubar, não é brincadeira não.

O Sr. acredita que, com a repercussão do seu tratamento, o curandeirismo vai tomar impulso no País?

— É muito diferente curandeirismo de medicina popular. A medicina popular é algo que conheço um pouco e nunca neguei, porque os índios têm mais de dois mil anos de experiências transmitidas geração após geração, e nós devíamos ter aprendido com os índios o que eles estavam fazendo e trazer para os laboratórios que de fato tiram de lá os medicamentos. Mas não todos, sem saber direito as aplicações que os índios faziam há séculos com aquelas plantas, com ótimos resultados.

Existe alguma pesquisa sobre o veneno do sapo dendrobata?

— Hoje se vê na Europa todo mundo buscando saber tudo sobre o assunto. Vi agora um livro alemão, editado em 1985, sobre o veneno desse sapo, com o antídoto e tudo, com fotografia a cores do sapo, inclusive. Ele me foi mostrado por outro capixaba, o dr. Alfredo Vervloet, filho de Eugênio Vervloet, católico de medicina homeopática de nossa universidade. No Brasil, onde existe o sapo que pode atingir pessoas como me atingiu, não têm havido pesquisas nesse sentido. A não ser o Instituto Oswaldo Cruz, que agora está interessado na fabricação do antídoto desse veneno. E isto será feito naturalmente, é o que todos esperam.

O Sr. está completamente curado?

— Completamente curado de tudo, não. Eu tenho uma porção de coisas. Mas o principal, para

mesmo quando estava mais doente. Agora, vou dar continuidade aos meus projetos que incluem os livros "Aves do Espírito Santo", basicamente sobre os beija-flores, "Orquídeas do Espírito Santo" e "Macacos do Espírito Santo", antes do tratamento com os índios, eu resistia com uma pequena esperança de terminá-los. Agora, tenho certeza de que, além deles, vou poder fazer muito mais.

O Sr. pretende fazer o que agora, em termos de trabalho?

— Nunca parei meu trabalho.



A Irmã Rosirene Nascimento, bióloga e naturalista, que atua junto às comunidades indígenas através do Conselho Indigenista Missionário alerta que o tratamento dispensado ao naturalista pode ser algo isolado e excepcional. Considerando a sua experiência entre os grupos, ela salienta que a medicina indígena difere da científica. Enquanto esta última trata da doença isoladamente, independente da cultura e do meio ambiente do indivíduo, a indígena é reflexo de uma interação entre pajé, paciente, comunidade e medicina.

No passado, lembra ela, os missionários incentivavam a utilização das drogas alopáticas. Hoje a preocupação é bem outra: incentivar e revitalizar a medicina autoctone. Esse consenso foi tirado no 4º Encontro de Agentes de Saúde do Cimi, realizado em Mato Grosso, entre os dias 16 a 21 deste mês. Entretanto, ela adverte que isso só será possível desde que preservados os territórios dos povos indígenas, pois as ervas e rituais de uma nação estão intimamente relacionados ao seu habitat original.

ROSANA GARCIA

## A visita cordial

A parte da doença do dr. Augusto Ruschi, esse episódio permitiu duas coisas importantes: mostrar claramente a todo o Brasil como o índio brasileiro é bom, solidário e humano e permitiu ao cientista, pela imprensa, renovar suas mensagens e seu alerta com relação à defesa da nossa ecologia, aos cuidados com nossa fauna, ao respeito com nossas florestas. Ele falou com a mesma autoridade de antes, mas nunca foi tão ouvido e imagino que isso fez um bem enorme a ele.

Essa foi, na opinião do ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, a importância maior da pajelança feita pelo cacique Raoni e o pajé Sapaím para curar o naturalista Augusto Ruschi. Depois de receber os dois em audiência no início da noite de ontem, em seu gabinete, ele disse que "o governo não patrocinou pseudomilagres" e observou que "os índios recorrem frequentemente à medicina civilizada", o que, na sua opinião, não está sendo percebido.

O ministro deixou claro também que esse foi um caso único, "inclusive porque o dr. Ruschi atribuiu sua doença ao veneno de um sapo que os índios conhe-

ceram bem e o que o governo fez foi atender ao desejo de um grande brasileiro e um grande cientista, que viu nessa ajuda sua última chance". Também o cacique Raoni fez questão de ressaltar que "os brancos têm mais gente do que nós" a quem recorrer. Anunciou, ainda, que volta sábado para o Xingu, em companhia do pajé Sapaím, para cuidar de índios doentes.

Quanto ao presente pedido ao presidente José Sarney, Sapaím negou que venha a ser uma paneira de barro, porque isso, segundo ele, os índios é que têm. Dos brancos, ele quer uma paneira de alumínio, além de manganês, redes para dormir, munição e anzol. Costa Couto frisou que não será um pagamento mas uma dádiva e revelou que já determinou a Funai para providenciar o presente, que ele entregará, em nome do presidente, ainda esta semana.

Acompanhados de outros índios, Raoni e Sapaím chegaram ao Ministério do Interior já cientes de que o presidente Sarney não os poderia receber essa semana.

Na audiência com Costa Couto, eles reivindicaram um trator e o ministro estuda a possi-

bilidade de máquinas da Sudeco que trabalham próximo ao Xingu prepararem suas terras para o plantio. Isso, porque, segundo o ministro, os índios têm um trator no Xingu que está parado por falta de uma peça que saiu de linha, mas a indústria responsável se comprometeu a fabricá-la.

O dr. Ruschi, que é o grande juiz dessa questão, disse em alto e bom som que melhorou. Agora, mesmo que isso não tivesse ocorrido, tivemos um lindo exemplo de solidariedade dos índios que já seria confortável para qualquer pessoa — acrescentou Costa Couto.

Kaio